

Manuel da Fonseca O escritor igual ao homem

Manuel Lopes da Fonseca, nasce em Santiago do Cacém, Alentejo, em 15 de Outubro de 1911, numa casa de rés-do-chão, defronte das Escadinhas da Senhora do Monte, com uma larga vista que corre por um grande vale até ao mar.

"Em Cerromaior nasci.

Depois, quando as forças deram
para andar, desci ao Largo.
Depois, tomei os caminhos
que havia e mais outros que
depois desses eu sabia

E tanto já me afastei
dos caminhos que fizeram,
que de vós todos perdido.
Vou descobrindo esses outros
caminhos que só eu sei.

Vai para Lisboa ainda muito novo, onde frequenta escolas até chegar à de" Belas Artes que abandona nos primeiros anos, para se dedicar à escrita, formando com outros jovens, poetas, escritores e pintores o movimento Neo-realismo. É considerado pelos críticos do seu tempo e os de hoje, um dos maiores escritores portugueses, como poeta, contista e romancista. Passando ainda pela crónica, novela e reportagem.

"Eu vou-me embora para além do Tejo
não posso mais ficar!

Já sei de cor os passos de cada dia ...
Na boca as mesmas palavras
batidas nos meus ouvidos ...
-Ai, as desgraças humanas destas paisagens iguais!...
Abro os olhos e não vejo
já não ando, já não ouço ...
Não posso mais ...
Grita-me a vida de longe
e eu vou-me embora para além do Tejo,"

Rebelde por natureza luta com os seus companheiros, através da escrita e pintura à lei imposta pelo opressor que domina e reprime pela força das armas e prisões da polícia política do governo, "PIDE".

"Então
virá a miséria maior de todas
secar o último restolho de moral que em mim resta;
e eu ficarei rude como o deserto
e agreste como o restolho das altas serras,
e virá a ânsia do peito para os braços!...
... ..
Domingo que vem,
eu vou fazer as coisas mais belas
que um homem pode fazer na vida!"

É preso e está alguns meses no Forte de Caxias, sem julgamento, por fazer parte do júri que atribuiu o 1º Prémio da Sociedade de Escritores, ao romance Luanda, escrito pelo escritor angolano Luandino Vieira.

"do frio
da cela do forte
a mão acena
Por sobre o rio
do lado Norte
a mão acena por Helena.

Mãos de aceno gradeado
é por nossa condição
gente de foice e arado
homens do cais pescadores
mais como nós são
nos escritórios e fábricas
dia a dia os construtores
dos dias desta nação
é por nós que a mão acena
da beira-morte de Helena
contra a mão que nos condena."

Percorre todo o Baixo Alentejo, para viver entre os camponeses, e tem o grande talento de saber ouvir os seus sofrimentos e dramas, para depois os escrever: em verso ou prosa, como ele o sabia, com as palavras certas da verdade real.

"Caminhos do Alentejo.
Terras bravias de fomes
como pontas de navalhas
em esperas de encruzilhadas!
Caminhos do Alentejo.
desde valados e sebes,
searas, vilas e aldeias
e chuvas e descampados.
(Sem manta de me abrigar,
ai, sem Maria Campaniça! ...)
Caminhos do Alentejo,
desde menino vos piso!"

Mas acima da escrita, o maior prazer era estar com amigos e gente do povo, numa conversa entre um copo de vinho e um pão com linguiça a contar as suas histórias até o Sol nascer.
Era viver, amar e ser amado.

Tu e eu meu amor
meu amor eu e tu
que o amor meu amor
é o nu contra o nu.

Nua nua a verdade
tão forte no criar
adulta humanidade,
nu o querer e o lutar
dia a dia pelo que há-de
os homens libertar
amor que a eternidade
é ser livre e amar"

É encontrado na casa onde vivia em estado de coma e levado de Santiago para Lisboa, onde faleceu no Hospital São José em 11 de Março de 1993.

"Vai vida na madrugada fria
o teu amante fica,
na posse deste momento que foi teu,
amorfo e sem limites como um anjo;
a cabeça cheia de estrelas ...
Fica abraçado a esta poeira que teu pé levantou.
Fica inútil e hirto como um Deus.
Desfalecendo na raiva de não poder seguir-te!"

Acompanhado por largas centenas de pessoas ao Castelo, à sua última morada
Chove, ninguém arredou pé; o Alentejo chorava a tua morte e ao seres sepultado, rodeado por tanto, tanto
povo, confirmaste o que disseste na boca da velha Carrusca:
Digam à minha neta!...Digam que ela tem razão!... "Um homem só, não vale nada"

Artur da Fonseca

Agosto /2004